

Galvêas promete renegociação favorável aos interesses nacionais

O próximo governo, ao assumir no dia 15 de março, terá liberdade para negociar novos empréstimos junto aos banqueiros internacionais, independente da renegociação da dívida atual. Foi o que disse ontem o ministro Ernane Galvêas, após reunião com o ministro Delfim Neto e o presidente do Banco Central, Afonso Pastore, na sede da Seplan. Segundo Galvêas, a próxima etapa de negociações, que começa segunda-feira em Nova York, tem o objetivo de refinanciar os compromissos já assumidos para os próximos cinco anos (de 1985 a 89) pelo prazo de 14 anos.

Logo depois das conversas de Galvêas e Pastore com os banqueiros privados, na semana que vem, Delfim Neto também irá aos EUA e à Europa, para novos contatos. Segundo o diretor da Área Externa do BC, José Madeira Serrano, o Brasil vai propor o mesmo esquema (refinanciamento por 14 anos da dívida já contraída) aos governos dos países industrializados.

"Jumbo"

Galvêas ressaltou que a fase 3 de renegociação será concluída pelo atual governo, sem a participação de membros da equipe do sucessor de Figueiredo. Disse que não há com que se preocupar, uma vez que os renegociadores buscarão fazer acordo com os credores o mais favorável possível aos interesses nacionais.

Na explicação do ministro, o País deve reivindicar recursos novos sempre que precisar, mas neste momento não há por que negociar outro "jumbo". O presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, disse que a projeção de superávit comercial de US\$ 11,5 bilhões permitirá, no próximo ano, a dispensa dos recursos novos e a manutenção do crescimento das reservas cambiais.

Galvêas ressaltou que o Brasil não precisará de carência para pagar a dívida reescalada com vencimento original de 1985 a 1989, já que a distribuição dos compromissos por 14 anos traz o esperado ajustamento no perfil da dívida. Em consequência, o País pagará aos bancos a dívida a vencer no próximo ano, mas apenas uma pequena parcela dos US\$ 9,7 milhões previstos, o mesmo ocorrendo nos meses subsequentes.

Crescimento

No âmbito interno, Pastore confirmou o desvio na expansão monetária de outubro e admitiu que o Banco Central não conseguirá cumprir a meta de crescimento da base monetária — emissão primária de moeda — de 95%, acertada com o FMI. O Banco Central deverá divulgar hoje, segundo anunciou seu presidente, os números de expansão da moeda em outubro.

Mais uma vez, Pastore recusou comentar o pacto contra a inflação conduzido pelo ministro do Planejamento, Delfim Neto. Antes de bater a porta de seu carro na cara dos jornalistas, à saída da Seplan, afirmou que não tem expectativa sobre o comportamento dos juros, neste final de ano.

FMI

Uma missão do Fundo começou a trabalhar ontem no Banco Central, mas segundo o Ministério da Fazenda veio apenas acompanhar a formulação da reforma bancária. A missão que examinará nossas contas só deve chegar no próximo dia 16. Ela será precedida por um encontro entre Galvêas e o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière. Galvêas dirá que o governo não tem condições de eliminar, este ano, conforme o prometido, o subsídio ao consumo do trigo, pois com isso a inflação vai "explodir".